

Perspectivas de estudo da inteligência e criatividade a partir do pensamento múltiplo

Perspectives on intelligence and creativity studies as from multiple thinking

Perspectivas sobre los estudios de inteligencia y creatividad a partir del pensamiento múltiple

Janaina Maria Fernandes Merhy^a  e Edson Alves de Souza Filho^b 

^aDoutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Colaboradora da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa/PR, Brasil. Endereço institucional: UEPG – Departamento de Educação. Praça Santos Andrade, n. 1. CEP 84010-790. E-mail: janaina2015.psicologia@gmail.com

^bProfessor do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, Brasil. E-mail: edsouzafilho@gmail.com

Resumo: Este trabalho debate as possibilidades de estudo da temática da inteligência e criatividade. Partindo de uma breve revisão das pesquisas desenvolvidas na área, percebe-se que há pouca concordância até mesmo sobre os conceitos envolvidos. Desta forma, com o objetivo de lançar um outro olhar sobre o assunto, é inserida a proposta da psicologia social, que procura entender os temas referidos no ambiente sócio-histórico-cultural em que aparecem e se desenvolvem. Da teoria das representações sociais de Moscovici são trazidos conceitos como de pensamento natural, polifasia cognitiva, objetivação, ancoragem e influência social a fim de compreender a formação de representações sociais e do pensar. O pensamento múltiplo se manifesta através de lógicas diferenciadas adequadas à diversidade de situações que são experienciadas, não rejeita o pensamento mágico, usado nas questões do dia-a-dia, ou o pensamento científico, necessário em ambientes acadêmicos, bem como abraça a inteligência e criatividade aplicadas ao fazer e saber plurais.

Palavras-chave: Inteligência; Criatividade; Polifasia cognitiva; Representações sociais; Psicologia social

Abstract: This paper discusses the possibilities of studying intelligence and creativity. From a brief review of the research developed in the area, it is clear that there is little agreement even on the concepts involved. Thus, in order to take a fresh look at the subject, the proposal of social psychology is inserted, which seeks to understand the themes included in the socio-historical-cultural environment in which they appear and develop. From Moscovici's theory of social representations are brought concepts such as natural thought, cognitive polyphasia, objectification, anchoring and social influence in order to understand

Como citar o artigo: MERHY, J. M. F.; SOUZA FILHO, E. A. Perspectivas de estudo da inteligência e criatividade a partir do pensamento múltiplo. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 53, 2019 DOI: 10.5007/2178-4582.2019.e42855



Direito autoral e licença de uso: Este artigo está licenciado sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra, forneça um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações.

the formation of social representations and thinking. Multiple thinking manifests itself through differentiated logics suited to the diversity of situations that are experienced, does not reject the magical thinking, used in everyday matters, or scientific thinking, necessary in academic settings, as well as embraces intelligence and creativity applied to plural doing and knowing.

Keywords: Intelligence; Creativity; Cognitive polyphasia; Social representations; Social psychology

Resumen: Este artículo discute las posibilidades de estudiar el tema de la inteligencia y la creatividad. De una breve revisión de la investigación desarrollada en el área, está claro que hay poco acuerdo sobre los conceptos involucrados. Por lo tanto, para volver a examinar el tema, se inserta la propuesta de psicología social, que busca comprender los temas a los que se hace referencia en el entorno socio-histórico-cultural en el que aparecen y se desarrollan. De la teoría de las representaciones sociales de Moscovici se extraen conceptos como el pensamiento natural, la polifasia cognitiva, la objetivación, el anclaje y la influencia social para comprender la formación de las representaciones sociales y el pensamiento. El pensamiento múltiple se manifiesta a través de lógicas diferenciadas adaptadas a la diversidad de situaciones que se experimentan, no rechaza el pensamiento mágico, utilizado en asuntos cotidianos, o el pensamiento científico, necesario en entornos académicos, así como abarca la inteligencia y creatividad aplicadas al hacer y conocer plurales.

Palabras clave: Inteligencia; Polifasia cognitiva; Representaciones sociales; Psicología social

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem o objetivo de levantar questões relativas à inteligência e criatividade através do olhar da psicologia social. Da teoria das representações sociais de Moscovici são extraídos conceitos como de polifasia cognitiva, objetivação, ancoragem e influência social a fim de compreender a formação de representações e a própria diversidade do pensar. A partir daí, acreditamos ser possível propor um enfoque diferenciado para fenômenos tão plurais como a inteligência e criatividade.

Esses fenômenos, de modo geral, não são estranhos à maioria da população. Se perguntarmos às pessoas sobre o significado da palavra inteligência, certamente elas nos darão algumas respostas sobre o assunto (ROAZZI; SOUZA, 2002). Do mesmo modo, pensamos que a criatividade é assunto sobre o qual pessoas leigas têm algum tipo de representação, conforme ilustra a pesquisa de Glaveanu (2014) em que a representação da criatividade aparece ligada a profissões artísticas, prioritariamente, como escritor, músico e ator; mas também, em menor escala, a profissões relacionadas a atividades cotidianas, como culinária, jardinagem e cabeleireiro.

Já no campo teórico da ciência, uma das dificuldades relativas ao estudo da inteligência é a delimitação de suas características, principiando pelo fato de que não há consenso sobre o próprio conceito. Embora o estudo da inteligência faça parte da fundação da Psicologia como ciência, sendo pesquisado desde o início do século passado, pouco se sabe sobre sua natureza e funcionamento. Há diversas linhas e teorias, amplamente conhecidas, que buscam entender o fenômeno da inteligência. Algumas dão ênfase ao componente de desempenho intelectual e como é composta a inteligência, como a abordagem psicométrica, enquanto outras enfatizam o que é adquirido através de aspectos psicogenéticos e/ou socioculturais, como as abordagens de Piaget e Vygotsky, respectivamente. Nenhuma delas, mesmo bastante conhecidas e respeitadas, representa um consenso mínimo ou mesmo responde a todas as questões ainda sem resposta a respeito da inteligência (OLIVEIRA-CASTRO; OLIVEIRA-CASTRO, 2001). Gardner (1994), que desenvolveu a Teoria das Inteligências Múltiplas, uma proposta alternativa à visão da inteligência como capacidade inata, geral e única, propõe que inteligência é a “habilidade para resolver problemas ou criar produtos que sejam significativos em um ou mais ambientes culturais”. (GAMA, 2006, p.32).

Em relação à criatividade acontece algo semelhante, em estudo já mencionado, Glaveanu (2014) pôde concluir que o conteúdo das representações de criatividade e os vieses que as compõem talvez não possam ser estáveis e únicos, ou mesmo ter uma manifestação universal, até mesmo devido ao fenô-

meno da polifasia cognitiva, que faz com que as pessoas revejam seus conhecimentos de acordo com o contexto geral. No campo da ciência, em relação à questão da criatividade, acontece algo semelhante:

Muitas são as definições propostas para o termo criatividade. Analisando-as, pode-se constatar que não há acordo quanto ao significado exato do termo, nem consenso se seria uma habilidade distinta da inteligência, ou, pelo contrário, uma faceta da inteligência que não tem sido avaliada tradicionalmente pelos testes de inteligência. (ALENCAR, 1993, p. 15)

No senso comum esta confusão fica clara quando consultamos, por exemplo, um dicionário de filosofia (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001) e encontramos dois conceitos de inteligência, a primeira acepção, ligada à escolástica medieval, fala de inteligência como “dom divino concedido por Deus às criaturas humanas”; a segunda acepção, ligada à psicologia, traz a noção de inteligência como aprendizado e adaptação, de natureza “essencialmente criativa”. Essas duas acepções coexistem nas representações sociais de inteligência e criatividade, e mesmo no campo teórico de estudos da relação entre os dois constructos pode ser difícil propor uma separação, podemos citar a classificação de Sternberg (1999, apud PLUCKER; ESPING, 2015) que divide os estudos nessa área em cinco possibilidades: criatividade como parte da inteligência; inteligência como parte da criatividade; inteligência e criatividade como áreas que se sobrepõem; criatividade e inteligência como um constructo só; e, criatividade e inteligência como totalmente distintas e separadas.

Os testes de inteligência são a ferramenta ainda usual para mensuração da inteligência embora a partir da década de 1960 estejam sendo cada vez mais questionados (ROAZZI; SOUZA, 2002), pois não são apenas aspectos relacionados à criatividade que deixam de ser analisados, muitos outros aspectos cognitivos escapam aos processos de testagem, que avaliam, de modo geral, o raciocínio lógico, matemático, linguístico e espacial, áreas tradicionalmente valorizadas pela nossa sociedade e importantes para o sucesso escolar (GAMA, 2006). Como bem salienta Vicent (2010) ao se referir à questão de alunos muito inteligentes ou “superdotados”:

A inteligência definida pelos testes não é nada mais do que a capacidade de resolver rápida e corretamente questões lógicas. O que apresentar resultados superiores à média não será particularmente sábio, culto, nem mesmo performativo para se adaptar à vida real. Nada assegurará que ele será apto a fazer boas escolhas, a tomar boas decisões, a se integrar a uma equipe. Se o aluno dotado e precoce já encontrou dificuldades no curso de seus estudos, essas dificuldades correm o risco de serem consideravelmente aumentadas no universo competitivo do trabalho profissional. (VICENT, 2010, p.131)

Uma vez que a medição de um Quociente de Inteligência (QI) elevado não prediz muito sobre o indivíduo testado, isso nos leva a pelo menos duas perguntas: o que os testes medem e para que servem essas medidas. E mais, para onde estão voltados nossos esforços, como sociedade. Tendo em vista o estado ainda nebuloso, embora muito estudado, da temática da inteligência e criatividade, propomos voltarmos nosso olhar para uma abordagem psicossocial, pouco usual nesta área.

2 ABORDAGEM PSICOSSOCIAL

Primeiramente, devemos situar a questão no contexto social, em que aparece e se desenvolve, conforme explicita Mugny e Carugati (1989), em seu estudo sobre representação social da inteligência:

In this perspective the social is not merely epiphenomenal, brought in as an additional factor which may alter the course of development from time to time, but – in the form of the child’s

specific social experiences – is actually constitutive of his social and cognitive ontogenesis. (MUGNY; CARUGATI, 1989, p. 4)¹

Para os autores devemos parar de ver a inteligência como uma característica intrínseca ao sujeito e começar a aceitar que “inteligência” é um rótulo socialmente necessário, histórico-culturalmente determinado.

Para melhor compreensão do fenômeno multifacetado da inteligência e criatividade propomos a discussão mais detida sobre a teoria das Representações Sociais, mais especificamente sobre o conceito de “polifasia cognitiva”, componente do pensamento natural, proposto por Moscovici (1978) em seu clássico estudo sobre a Representação Social da Psicanálise. Justifica-se o uso do modelo teórico das representações sociais devido a sua diversidade e abrangência, uma vez que a “representação social é um *corpus* organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas e liberam os poderes de sua imaginação” (Moscovici, 1961/1978, p. 28). Desta forma percebemos que no fenômeno das representações há tanto um processo de repetição, no sentido em que há um resgate de uma bagagem cultural compartilhada, num procedimento de troca, como há um processo de criação, tanto individual quanto grupal, através do qual existe a possibilidade de renovação constante de todo o sistema cultural e social. Conforme explicita Souza Filho (1993, p. 110): “O campo de estudo de R.S. surgiu de uma crítica aos modelos que reduziam a participação do sujeito, tanto na produção autônoma da história quanto da consideração de sua capacidade criativa através de função simbólica complexa.”

Moscovici propôs o que ele chamou de pensamento natural para a forma de raciocinar que ocorre durante as trocas sociais. Muito diferente do raciocínio lógico formal presente no pensamento científico e esperado na maior parte da expressão adulta, a forma de pensar típica das trocas cotidianas, que compõem o senso comum, tem característica classificatória e pode apresentar lógicas e composições diversas, todas válidas e usadas pelo mesmo indivíduo ou grupo de acordo com a situação e nível de conhecimento. Sobre a lógica e as leis do pensamento, Moscovici (1961/1978, p. 249) reitera:

À Psicologia Social ainda menos compete arvorar-se em guardiã de normas, fossem elas a do pensamento. Cumpra-lhe debruçar-se sobre os fenômenos observados e definir suas regularidades próprias. Nesta perspectiva, temos forçosamente que abandonar a oposição lógico-ilógico, racional-afetivo, social-não social, que suscitou tantas controvérsias célebres e assedia os espíritos. Encontramo-nos então perante uma pluralidade de sistemas cognitivos e de situações sociais entre as quais existe uma relação de adequação.

Desta forma, o pensamento natural é um sistema cognitivo adaptativo às várias situações de vida que se apresentam ao sujeito, nem sempre cabe a lógica formal e nem todas as representações e ações são baseadas nela, parece que o raciocínio lógico, típico da ciência e muito valorizado pela sociedade contemporânea e moderna, não é legítimo em todas as trocas sociais, há outros fatores que devem ser levados em consideração. Por isso, talvez a única norma que possamos guardar seja a da adaptação, desdobrando em maleabilidade e diversidade do pensamento.

Não é à toa que, como sociedade técnica, tendemos a respeitar o método lógico e racional e a dose de segurança compartilhada que ele nos traz, mas as possibilidades de exploração e a liberdade são bastante restritas. O pensamento não normatizado corresponde a um pensamento inato e livre, que usamos para resolver as questões da vida cotidiana sem necessitar de qualquer tipo de formação específica. Este tipo de pensamento está fortemente ligado a crenças anteriores e aos estereótipos da linguagem. Portanto, formado mais pelas trocas sociais cotidianas do que por qualquer conhecimento estruturado e com transmissão metodologicamente programada. Como sociedade, gostamos de consumir uma pseudo-ciência, envolta em um simulacro lógico, sucinta e midiática, tratada como mais um bem de consumo (MOSCOVICI; HEWSTONE, 1984).

Moscovici vai um pouco além na crítica à supremacia do pensamento racional (“o Sol da razão”) sobre outros tipos de raciocínios, quando nos fala que as mesmas operações cognitivas, como inferência, *schema*, podem servir tanto à ciência como à magia. A nossa sociedade valoriza a ciência e não o pensamento mágico – há uma questão axiológica. Desta forma, pela compreensão das operações cognitivas podemos chegar a entender diversas formas de raciocínio. O pensamento mágico não pode ser considerado uma falha do racional, antes disso é uma outra fala, outra voz, uma outra forma de agir. Nas palavras de Moscovici (1992):

La magie leur semblante réussir, on y a vu, non un défaut de lésprit, mais une différence désprit. Et nous devons lénvisager de la même façon. Mais à condition de renoncer à fixer des limites a nos capacités mentales et à condition de reconnaître une diversité de ces capacités selon les buts poursuivis dans une société. (MOSCOVICI, 1992, p. 307) ²

De certa forma agimos de modo a “engrossar” nossas representações anteriores, selecionamos informações condizentes com o que já conhecemos e formamos novas representações sem nos importarmos com dados estatísticos e probabilidades. Moscovici (1992) nos lembra que a magia é a arte das coincidências e, no dia-a-dia, pensamos e agimos muito mais de acordo com esse tipo de lógica do que a formal, resultante de um encadeamento causal rigoroso. De acordo com Kahneman e Tversky (1980, p. 249, apud MOSCOVICI, 1992), as pessoas são inclinadas a confiar em julgamentos pouco embasados ou confiáveis, construindo uma ilusão de validade, a qual persiste mesmo quando é desmascarada, ou seu caráter ilusório reconhecido.

Sendo assim, observamos que uma representação depende muito mais, ou é demarcada e definida, em última instância, pelo sujeito que representa, que pode se impor ao objeto e ao que é campo de senso comum. Talvez daí o caráter transformador das representações sociais, quando há liberdade de pensamento é quase impossível promover a repetição mera e simples de conceitos e tradições, há brecha para o novo, para o revisitado, para a criação. Novamente, para Moscovici e Hewstone (1984), as representações sociais têm caráter transformador uma vez que configuram uma tradução intersemiótica, uma reestruturação de uma ideia. Diferentemente dos processos meramente informativos que têm função apenas de organização de dados existentes, exercitando a capacidade de aprendizado e não a de representar.

Para explicar o “pensamento natural” Moscovici desenvolve alguns conceitos, entre eles o de polifasia cognitiva, que se refere “a um estado em que registros lógicos diferenciados inseridos em modalidades diferentes de saber coexistem em um mesmo indivíduo, grupo social ou comunidade” (JOVCHELOVITCH, 2004, p.20). Mesmo não afirmando diretamente, em seu estudo sobre a representação social da psicanálise, Moscovici reuniu dados suficientes para comprovar este tipo de funcionamento do pensamento, uma vez que as respostas dadas pelos indivíduos seguiam diferentes formas de pensar, tanto individual quanto grupalmente, apresentando desde estágios de lógica mais infantil até a lógica adulta. Isso levou o autor ao seguinte questionamento: “Se a evolução do homem pressupõe a ultrapassagem de certos estágios (da lógica infantil, em particular), como explicar que se reencontre essa mesma lógica em representações elaboradas pela sociedade dos adultos?” (MOSCOVICI, 1961/1978, p. 282).

No contexto da polifasia cognitiva, o uso de uma forma de pensar ou outra depende de fatores como nível de conhecimento do ambiente e do assunto em pauta, objetivo das trocas na comunicação, grau de diferenciação do indivíduo em relação ao meio social ou físico (MOSCOVICI, 1961/1978, p. 287). Desta forma, podemos pensar que o raciocínio criativo, cujo produto pode expor um funcionamento que se distancia da lógica formal emerge no grupo ou indivíduo não como um raciocínio fora da “norma”, e sim como uma forma natural e possível dependendo dos facilitadores intrínsecos e extrínsecos ao indivíduo, que compõem um quadro singular. Um fenômeno típico da polifasia cogni-

tiva, sendo possível a um sujeito usar uma diversidade de modos de reflexão, dependendo do domínio da situação externa e de seus objetivos. Glaveanu (2014) debate a construção polifásica da própria representação de criatividade em sua pesquisa sobre as concepções de criatividade e a relação com o campo artístico. Essa construção polifásica traz para a representação da criatividade uma diversidade contraditória e ambígua mas que, de acordo com o campo teórico das representações sociais, é coerente com a diversidade de ideias e usos acerca do tema da criatividade. Sua pesquisa apontou que a representação social da criatividade está ligada ao campo artístico, conforme hipótese formulada, mas também surgem conexões com o que é chamado de “criatividade funcional” (CROPLEY; CROPLEY, 2010, apud GLAVEANU, 2014) ligada às práticas cotidianas, mantendo certa utilidade, como culinária, jardinagem e práticas de cabeleireiro, diferentemente da criatividade com característica apenas estética, típica do universo artístico.

What the aforementioned theoretical perspective suggests about implicit theories of creativity and their ‘biases’ is the fact that their content should not be expected to be stable and unitary or their manifestation universal; we should always consider implicit theories as they transform in the course of social interaction and communication. If lay knowledge about creativity is polyphasic, this means that people will evaluate situations, products, and persons differently depending on contextual elements. (GLAVEANU, 2014, p. 19)³

Debatendo a questão do pensamento mágico, Moscovici (1992, p. 322) retoma o conceito de polifasia cognitiva como sendo “Le pouvoir que nous avons de jouer sur plusieurs claviers de l’organe mental. Ce n’est pas tant une question de choisir le clavier correct, en écartant celui qui ne l’est pas, que de changer les rapports entre eux et d’élire le domaine dans lequel chacun est le plus efficace.”⁴ Para Moscovici (1978, p. 290) não há razão em fazer a distinção entre pensamento científico e não científico, antes disso, importa entender a correspondência ente situação social e sistema cognitivo, gerando a pluralidade dos tipos de raciocínio. Pensamos que podemos acrescentar às dicotomias infrutíferas a divisão entre pensamento inteligente e não inteligente, uma vez que é considerado mais inteligente o mais adequado a determinada situação social.

Para os Moscovici e Hewstone (1984) o elemento crucial da inteligência humana consiste em ver as coisas e conseguir estabelecer laços entre elas. Este desenvolvimento social da inteligência e criatividade encontra uma barreira nas representações ligadas à noção de “dom”, que prevalecem, principalmente, nas representações sociais de sujeitos que não possuem familiaridade com o objeto de representação (MUGNY; CARUGATI, 1985; AMARAL, 2006). Essa não familiaridade está relacionada “à organização de crenças naturalizantes e essencialista, segundo as quais a inteligência constitui um dom natural, e à valorização de dimensões biológicas.” (AMARAL, 2006).

Sobre o aspecto individualista do “dom da criatividade”, que exclui a elaboração social do que é criado, Guareschi (2014) salienta que

Na verdade, os conceitos de criação e inovação, tal como costumamos pensar, se sustentam a partir de pressupostos do materialismo cientificista e do individualismo cartesiano: cria-se algo ou se inova a partir do zero, como se nada existisse antes. Gurus, gênios e líderes costumam ser protagonistas de criações e invenções; os seres “comuns” apenas repetem. Essa é uma perspectiva reducionista, não plural, que desconsidera a dimensão social e acredita só no que “está aí”. Adota o sujeito na primeira pessoa do singular, o coletivo só faz sentido (é racional) se ligado a um indivíduo (...). (GUARESCHI, 2014, p.35)

Uma vez que a inteligência e criatividade se desenvolvem em um ambiente social, dotado de história e alimentado pela ação de diversos sujeitos, não podemos ignorar o papel da influência social

na formação das representações sociais da inteligência e criatividade, bem como dos comportamentos decorrentes. A primeira influência exercida sobre o sujeito e o desenvolvimento de suas representações advém do grupo familiar, mais antigo e perene. Certamente que nenhum grupo é homogêneo mas em todos os grupos há uma busca para a manutenção dos valores e condutas que identificam os mesmos e que são entendidos como importantes para que um mínimo de unidade se perpetue. De acordo com Moscovici (2011),

Grupos como família, a Igreja, a escola, a indústria, o exército e certos partidos políticos fazem o possível para manter o controle social como força dominante. Nestes grupos, a exigência de continuidade, a necessidade de transmitir práticas e valores, e de preservar as relações hierárquicas, impõem uma vigilância constante do comportamento individual e um controle, não menos constante, para prevenir ou eliminar o desvio, quando este se produz. Parece que o consenso, a submissão às normas, a supressão de fortes preferências pessoais, a necessidade de direção e de aprovação, são condições imprescindíveis para toda interação coordenada e isenta de conflito. (MOSCOVICI, 2011, p. 100).

Mesmo em ambientes “hostis” à divergência, é possível promover mudanças. Moscovici (2011) propõem sua teoria das “minorias ativas” como uma forma possível de agir e influenciar a maioria através do uso de estratégias de ação latente, não necessariamente declarada e explícita, mas, de qualquer forma, sem negar a existência de um conflito, visando à transformação social. Sendo assim, a influência social é sempre uma via de mão dupla, em que cada um é influenciado pelo social da mesma forma que tem a capacidade de influenciar e promover mudanças na mentalidade da maioria e seu conjunto representacional. A existência de algum nível de conflito (interindividual ou intraindividual) é necessária ao desenvolvimento social cognitivo (GARRIDO, 1988), bem como ao surgimento do novo e expressão da criatividade, por exemplo.

No campo social, é difícil saber ao certo todas as variáveis intrínsecas e extrínsecas que influenciam o pensamento criativo e como desenvolvê-lo. Em uma abordagem cognitivista propõem-se a influência de variáveis cognitivas, como inteligência e talentos especiais, variáveis ambientais, como cultura, educação e situação político-econômica, bem como influência de variáveis de personalidade, como confiança e não conformismo (EYSENCK, 1999). O autoconceito é um fator intrínseco destacado por Alencar (1993) que pode influenciar a questão da criatividade individual e grupal, bem como posturas familiares de encorajamento, autonomia e independência, ou, ao contrário, comportamento crítico, restritivo e punitivo podem afetar o desenvolvimento da criatividade (MILLER; GERARD, 1979, apud ALENCAR, 1993, p.68).

Interessante observar que mesmo um indivíduo avaliado como criativo pode deixar de sê-lo em outro momento de sua vida (ALENCAR, 1993), podendo também ser criativo em uma área e em outra não. Esse tipo de fenômeno justifica um esforço para promover mais estudos em psicologia social a fim de entender todas as variáveis intrínsecas e extrínsecas que influenciam o advento de “fases criativas”. Certamente há que se avaliar a existência de épocas socioculturais favoráveis, bem como momentos de vida mais propícios à criação. Lemaine (1974) nos fala de diferenciação social e originalidade, que apesar de constituírem conceitos diferentes de criatividade, como o próprio autor enfatiza, acreditamos ser um viés que possa elucidar algumas facetas desta questão do aparecimento e manutenção da criatividade como uma forma de construção de identidade diferenciada individual ou grupal:

Creativity and originality come under the heading of cognition (even if the authors discover the presence of all sorts of ‘components’), and they are to be seen in terms of individual achievement in conditions relating to set tasks. Differentiation *may* lead to creativity when it reveals itself in the cognitive field, it may be compatible with originality, but it should not be confused with a capacity for invention. (LEMAINE, 1974, p. 29)⁵

Procurando, ainda, explicitar a composição do pensamento que produz representação social, outros dois processos, além da polifasia cognitiva, são fundamentais: a objetivação e a ancoragem. O processo de objetivação torna concreto algo abstrato, possibilitando a manipulação de um conceito distante pelo sujeito que representa, fortalecendo seu aspecto icônico e estruturando o pensamento: “Objetivar é reabsorver um excesso de significações materializando-as (e adotando assim certa distância a seu respeito).” (MOSCOVICI, 1978, p. 111). Para tanto a objetivação se dá em três fases: “seleção e descontextualização”, “esquemáticação” e “naturalização”. No primeiro processo há que se selecionar as informações que circulam sobre o objeto representado, adotando critérios culturais de pertinência e normativos, bem como de acesso às informações. No caso da representação social da psicanálise, estudada por Moscovici, as proibições sociais referentes à sexualidade fazem com que aspectos da teoria relacionados a isso sejam omitidos (JODELET, 1986 p. 482). Na “esquemáticação” a estrutura conceitual é traduzida em uma imagem a fim de facilitar sua assimilação e comunicação, sendo assim, no exemplo da psicanálise,

Las nociones claves que configuran dimensiones existenciales, el ‘consciente’ (que evoca la voluntad, lo aparente, lo realizable) y el ‘inconsciente’ (que evoca lo involuntario, lo oculto, lo posible) son visualizados en el núcleo a través de su posición por encima y por debajo de una línea de tensión en la que se encarnan el conflicto, la contradicción en forma de presión repressiva, el ‘rechazo’ que da lugar al ‘complejo’. (JODELET, 1986, p. 482).⁶

A última fase é a da “naturalização” em que os elementos envolvidos na representação adquirem materialidade própria da natureza, convertem-se em elementos da realidade, desta forma, “el inconsciente es inquieto, los complejos son agresivos, las partes conscientes e inconscientes del individuo se hallan en conflicto” (JODELET, 1986 p. 483)⁷.

Já através do processo de ancoragem o que é estranho torna-se familiar e a imagem formada de determinado conceito é encaixada em alguma das categorias já existentes e familiares. Sendo assim, tudo aquilo que é percebido é forjado, “moldado”, para poder ser classificado e compreendido. Esta forja é concebida a partir de características pregnantes de um modelo de classe, um protótipo, que é comparado ao novo elemento (MOSCOVICI, 2007, p. 64). Para Jodelet (1986), a ancoragem tem papel fundamental de integração de diversas funções das representações sociais:

Más complejo y fundamental de lo que ha podido parecer, el proceso de anclaje, situado en una relación dialéctica con la objetivización, articula las três funciones básicas de la representación: función cognitiva de integración de la novedad, función de interpretación de la realidad y función de orientación de las conductas y las relaciones sociales. (JODELET, 1986, p. 486).⁸

Pelo uso desses processos foi possível às pessoas pesquisadas por Moscovici (1961/1978) familiarizarem-se com seus diversos conceitos (recalque, libido etc.) e falar sobre a psicanálise. Da mesma forma, conceitos abstratos e inicialmente pertencentes à esfera acadêmica, como “inteligência” e “criatividade”, são atualmente passíveis de representação social pela grande parte dos leigos, que provavelmente desenvolveram personagens-modelo para classificar o que é uma pessoa inteligente ou criativa. Tradicionalmente criatividade e inteligência são associadas a grandes áreas de classificação como artes e ciências, respectivamente. “Numa palavra, a objetivação transfere a ciência para o domínio do ser e a amarração (*ou ancoragem*) a delimita ao domínio do fazer, a fim de contornar o interdito de comunicação” (MOSCOVICI, 1978, p. 174).

Moscovici discute os tipos de ancoragem quando analisa a questão do pensamento mágico, de acordo com Lewicka (1989 apud Moscovici, 1992) a ancoragem pode ser de ordem objetiva ou subjetiva. Na ancoragem objetiva os atos cognitivos desenvolvidos pelo sujeitos são baseados nas características do objeto conduzindo a uma visão realista de suas propriedades. Já a ancoragem subje-

tiva favorece a liberdade de construção e interpretação. “L’ancrage objectif, externe, serait sous-jacent à la perspective d’un *observateur*, tandis que l’ancrage subjective, interne, serait celui d’un acteur”⁹ (LEWICKA, 1989, p. 286 apud MOSCOVICI, 1992, p. 317). Podemos entender que o pensamento racional, como o desenvolvido pela ciência, privilegia a ancoragem objetiva na busca da neutralidade e um observador externo. Já o pensamento mágico, bem como o senso comum, conforme observado por Moscovici (1992), utilizam-se da ancoragem subjetiva que pressupõe um ator que faz escolhas próprias e interage com o objeto. Da mesma forma podemos pensar sobre a ancoragem do pensamento criativo, que tende a ser subjetiva, a fim de, justamente na interação do objeto com o ator que representa, buscar o surgimento de uma configuração nova ou incomum.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos ao longo deste texto salientar alguns pontos referentes à temática da inteligência e criatividade levando em consideração a visão da psicologia social e, mais especificamente, a teoria das representações sociais. Nesta interface pudemos levantar alguns questionamentos e entendemos isso como oportunidade para futuras investigações. Destacamos a importância do conceito de polifasia cognitiva para entendermos o fenômeno do pensar de forma mais ampla e menos dogmática. De acordo com Moscovici (1961/1978) é possível a um sujeito individual (ou coletivo) usar uma diversidade de modos de reflexão, dependendo do domínio da situação externa e de seus objetivos. Da mesma forma, sublinhamos os conceitos de objetivação, como modo de instrumentalizar o saber nas trocas cotidianas, e de ancoragem que possibilita o acréscimo facilitado de novas informações à rede de conhecimentos subjetiva.

Essa adequação e flexibilidade das formas de raciocinar leva a diferentes formas de agir, no cotidiano, no campo das ciências, bem como no universo das artes, possibilitando o exercício do que chamamos inteligência e criatividade, sempre fazendo a adaptação à situação social apresentada, bem como considerando as habilidades desenvolvidas e preferências do indivíduo ou grupo.

Certamente que a própria representação que temos sobre a temática em questão afeta o desenvolvimento das habilidades relativas à inteligência e criatividade. Na família, alguns perfis interacionais específicos devem ser levados em consideração, como o uso de autoridade, existência e forma de resolução de conflitos e nível de independência dos membros do grupo familiar. Este aprendizado de uma forma específica de existir e dialogar com os outros influencia a formação das representações da inteligência e criatividade, bem como de todas as outras, gerando ações e escolhas em sintonia com a simbolização e valores trocados e aceitos como verdadeiros.

A diversidade de representações sociais encontradas para o assunto pesquisado nos remete ao fenômeno da polifasia cognitiva, bem como a uma possível dificuldade em equacionar o tema proposto, que, ao mesmo tempo em que ocupa lugar privilegiado na academia também está presente nas atividades mais simples cotidianas, a ponto de adquirir significação adverbial, como um modo de realizar as coisas, podendo tudo e qualquer ação ser realizada de modo inteligente e criativo. (OLIVEIRA-CASTRO, OLIVEIRA-CASTRO, 2001).

A criatividade nas atividades do dia-a-dia se ampara no pensamento natural composto de outras lógicas, de intuição e sensibilidade. Da mesma forma podemos entender a criatividade das crianças, por exemplo, que foge à concepção de grandes criações, mas que, certamente continua sendo criatividade, como explicita Glaveanu (2011),

Culture exists and is produced between people as well, in families, in schools, on the streets, etc. Contributing to these (micro) cultures is no less significant than contributing to institutionalised domains such as the arts or sciences. Without all these contributions we would not be able to speak of culture or society. Great Creations are remarkable, but small, mundane ones, are very much significant in their own right. (GLAVEANU, 2011, p. 128)¹⁰

É importante que se procure ampliar o entendimento destes temas a fim de não subjugá-los a uma esfera do conhecimento ou outra. Ao estendermos o olhar, alcançando a proposta da esfera social como fundante e não apenas acessória no surgimento e desenvolvimento da inteligência e criatividade, acreditamos ter contribuído não apenas para a explicitação da forma de ver o fenômeno próprio da Psicologia Social, mas, principalmente para uma compreensão mais aberta da questão.

Lista de Notas

- 1 Nesta perspectiva, o social não é meramente um epifenômeno, trazido à tona como em fator adicional que pode alterar o curso do desenvolvimento ao longo do tempo, mas - na forma de experiências sociais específicas da criança - é, na verdade, constitutivo de sua ontogênese social e cognitiva. (Tradução nossa, MUGNY; CARUGATI, 1989, p. 4).
- 2 O sucesso aparente da magia, como já vimos, não está em uma falha da mente, mas em uma diferença de pensamento. E devemos considerá-la da mesma maneira. Mas não só renunciar a estabelecer limites para a nossa capacidade mental, mas também reconhecer uma diversidade de capacidades, de acordo com os objetivos de uma sociedade. (Tradução nossa, MOSCOVICI, 1992, p. 307).
- 3 O que a perspectiva teórica acima mencionada sugere sobre as teorias implícitas da criatividade e os seus “preconceitos” é o fato de que do seu conteúdo não deve ser esperado que seja estável e unitário ou sua manifestação universal; devemos sempre considerar que as teorias implícitas se transformam no decorrer da interação social e comunicação. Se entendermos que o conhecimento sobre a criatividade é polifásico, isso significa que as pessoas vão avaliar as situações, produtos e pessoas de forma diferente, dependendo dos elementos contextuais. (Tradução nossa, GLAVEANU, 2014, p. 19).
- 4 O poder que temos de togar em vários teclados do órgão mental. Não é tanto uma questão de escolher o teclado correto, descartando o que não é, do que mudar a relação entre eles e eleger a área em que cada um é mais eficaz. (Tradução nossa, MOSCOVICI, 1992, p. 322).
- 5 Criatividade e originalidade vem sobre a plataforma cognição (mesmo se os autores descobrirem a presença de todos os tipos de “componentes”), e eles devem ser vistos em termos de realização individual em condições relativas a tarefas definidas. A diferenciação pode levar a criatividade quando se revela no domínio cognitivo, pode ser compatível com originalidade, mas não deve ser confundida com uma capacidade para a invenção. (Tradução nossa, LEMAINÉ, 1974, p. 29)
- 6 Os conceitos-chave que compõem dimensões existenciais, o “consciente” (que evoca a vontade, o aparente, o possível) e o “inconsciente” (que evoca o involuntário, o escondido, o possível) são exibidas no centro através de sua posição acima e abaixo de uma linha de tensão que representa o conflito, a contradição como pressão repressiva, a “rejeição” que conduz ao “complexo”. (Tradução nossa, JODELET, 1986, p. 482).
- 7 “o inconsciente é inquieto, os complexos são agressivos, as partes conscientes e inconscientes do indivíduo estão em conflito.”(Tradução nossa, JODELET, 1986 p. 483).
- 8 Mais complexo e crítico do que pode ter parecido, o processo de ancoragem, situado numa relação dialética com a objetivação, articula as três funções básicas de representação: função cognitiva de integração do novo, a função de interpretação da realidade e função de orientação dos comportamentos e das relações sociais. (Tradução nossa, JODELET, 1986, p. 486).
- 9 “A ancoragem objetiva, externa, seria subjacente à perspectiva de um observador, enquanto que a ancoragem subjetiva, interna, seria ligada à perspectiva de um ator.” (Tradução nossa, LEWICKA, 1989, p. 286 apud MOSCOVICI, 1992, p. 317)
- 10 A cultura existe e é produzida entre as pessoas, bem como nas famílias, nas escolas, nas ruas etc. Contribuir para estas (micro) culturas não é menos significativo do que contribuir para domínios institucionalizados como artes ou ciências. Sem todas estas contribuições nós não seríamos capazes de falar de cultura ou sociedade. Grandes criações são notáveis, mas as pequenas, mundanas, são muito significativas do seu próprio jeito.” (Tradução nossa, GLAVEANU, 2011, p. 128)

Referências

- ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de. *Criatividade*. Brasília: Edunb, 1993.
- AMARAL, Virgílio. Regulações Psicossociais na Organização de Crenças sobre a Inteligência: Relações entre Representações Sociais de Inteligência e Concepções Pessoais de Inteligência. *Psicologia*, Lisboa, v.20, n.2, 2006. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492006000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 06 jan. 2016.
- BECKER, Maria Alice d'Avila et al. Estudo exploratório da conceitualização de criatividade em estudantes universitários. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 14, n. 3, 2001. Disponível em: <http://ref.scielo.org/s2ff5r>. Acesso em: 05 abr. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722001000300012>.
- EYSENCK, H. J. As formas de medir a criatividade. In: BODEN, M. A. (Org.). *Dimensões da criatividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. p. 203-244.
- GAMA, Maria Clara Sodré S. *Educação de superdotados: teoria e prática*. São Paulo: EPU, 2006.
- GARDNER, H. *Estruturas da mente - a teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artmed, 1994.
- GARRIDO, E. Presentación. In: MUGNY, G.; PÉREZ, J. (Org.) *Psicología Social del desarrollo cognitivo*. Barcelona: Editorial Anthropos, 1988, p. 9-16.
- GLAVEANU, V.P. Children and creativity: A most (un)likely pair? *Thinking Skills and Creativity*. v. 6, ago. 2011, p. 122-131. doi:10.1016/j.tsc.2011.03.002
- GLAVEANU, V.P. Revisiting the “Art Bias” in Lay Conceptions of Creativity. *Creativity Research Journal*. Londres, vol. 26 (1), 2014, p. 11-20. <http://dx.doi.org/10.1080/10400419.2014.873656>
- JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. *Dicionário básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- JODELET, Denise. La representación social: fenómenos, concepto y teoría. In: Moscovici, Serge (comp.). *Psicología Social II. Pensamiento y vida social. Psicología social y problemas sociales*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1986.
- JOVCHELOVITCH, S. *Psicologia Social, saber, comunidade e cultura*. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, Ago. 2004. Disponível em: <http://ref.scielo.org/62bdgz>. Acesso em: 3 abr. 2004. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822004000200004>.
- LEMAINE, G. Social differentiation and social originality. *Eur. J. Soc. Psychol.*, 4:17–52, 1974. doi:10.1002/ejsp.2420040103
- MOSCOVICI, Serge. *A Representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- MOSCOVICI, Serge. La nouvelle pensée magique, *Bulletin de Psychologie*, Paris, v. 45, n.405, p. 301-324, jan./fev. 1992.
- MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- MOSCOVICI, Serge. *Psicologia das minorias ativas*. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- MOSCOVICI, Serge; HEWSTONE, Miles. De la ciencia al sentido común. In S. Moscovici (Org.) *Psicología social, II*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1984.
- MUGNY, G., CARUGATI, F. *L'intelligence au pluriel*. Cousset: Delval, 1985.
- MUGNY, G.; CARUGATI, F. *Social representations of intelligence*. Cambridge University Press, 1989.
- OLIVEIRA-CASTRO, Jorge M.; OLIVEIRA-CASTRO, Karina M. A Função Adverbial de “Inteligência”: Definições e Usos em Psicologia. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 17, n. 3, p.257-264, Set.2001.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722001000300008&lng=en&nrm=iso
 Acesso em: 08Jan. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722001000300008>.

PLUCKER, J.; ESPING, A. Intelligence and creativity: a complex but important relationship. *Asia Pacific Education Review*. v. 16 (2), p. 153-159, Jun. 2015.

ROAZZI, A.; SOUZA, B. Repensando a inteligência. *Paidéia, Ribeirão Preto*, vol. 12, n. 23, p. 31-55, 2002. Disponível em: <http://ref.scielo.org/z7j8zp>.
 Acesso em: 3 abr. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2002000200004>.

SOUZA FILHO, E. A. de. Análise de representações sociais. In: SPINK, Mary Jane (Org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense, 1993.311 p.

VINCENT, Denise. O futuro dos superdotados. In: BERGÈS-BOUNES, Marika; CALMETTES-JEAN, Sandrine. *A cultura dos superdotados?* Porto Alegre: CMC, 2010. p. 131-138.

Histórico	Recebido em: 02/02/2016 Revisado em: 15/04/2019 Aceito em: 02/12/2019
Contribuição	Concepção: JMFM; EASF Coleta de dados: JMFM; EASF Análise de dados: JMFM; EASF Elaboração do manuscrito: JMFM Revisões de conteúdo intelectual importante: EASF Aprovação final do manuscrito: JMFM; EASF
Financiamento	Durante o doutorado, quando foi elaborado o presente artigo, Janaina Maria Fernandes Merhy recebeu bolsa de doutorado da Capes.